

Sopro de vida

Tendo a arte história, importa observá-la para além da narrativa, bem interiorizada, sobre o desenvolvimento e constante alteração dos meios e dos modos de produção artística, registando, pelo contrário, a permanência ou recorrência de questões estruturantes sob o pano de fundo dessas alterações. Os trabalhos da Vanessa Chrystie (VC) reunidos nesta exposição mergulham as raízes da sua atualidade, da sua pertinência e da sua construção formal exatamente aí, na recorrência essencial ao artístico. Encontramo-la em, pelo menos, três dimensões importantes destas obras: a aproximação ao mundo natural mediada pela pintura; a relação com o mundo contemporâneo orientada por uma consciência ecológica e uma expressão ativista; e o trabalho ao nível das estruturas da representação, neste caso especialmente motivado pela inesgotável equação figura-fundo, dando cada vez maior protagonismo a este último.

A noção de que a natureza proporciona uma experiência estética privilegiada, que a arte procura reproduzir, apropriar, ou igualar, é uma das ideias fundadoras da produção artística. Seja por via da representação, do registo, ou da abertura de campos de experiência, a referência ao mundo natural mantém-se como uma constante da história da arte, tendo superado radicalmente os limites da mimesis inicial. Representar e registar espécimes naturais foi também um meio de aprofundar o conhecimento sobre a flora e a fauna, familiar ou exótica, por via de rigorosas metodologias científicas ou ao sabor da curiosidade individual. Com um extremo fixado pela determinação em explorar recursos naturais, especialmente no contexto da dominação colonial, a representação e o registo das espécies naturais parece associar duas dimensões aparentemente contraditórias: maravilhamento e violência. Encontramos ambos na pintura de VC, o que me permitiu começar por destacar a tomada de posição crítica que a artista mantém face ao estado do mundo, ou seja a dimensão ativista que a sua obra comporta. As imagens da fauna que VC compõe com registos impressos da flora, associando-lhes ainda palavras e frases embebidas, e a representação de fragilíssimas bolas de sabão ou balões, conformam um universo de referência mostrado como o avesso da vontade de dominação do mundo natural. A sua violência já não radica na instrumentalização da natureza, mas no dar-a-ver a tragédia que dessa instrumentalização resultou: a ameaça ecológica que paira sobre o planeta e, muito concretamente, a extinção anunciada sobre um número crescente de espécies. As aves, os pequenos predadores e todas as outras espécies silvestres, mais ou menos familiares, mais ou menos simpáticas — rãs, morcegos, ratos, coelhos, corujas, gatos selvagens... — que povoam a pintura de VC produzem um maravilhamento que jamais deixa cair o desespero face à evidência do seu próximo desaparecimento. Essa violenta realidade surge ainda empolada na série de desenhos a tinta vermelha sobre papel impresso com plantas, como evocação da proximidade da guerra, já que as espécies dos pássaros retratadas são aquelas cuja ameaçada de extinção une num laço inesperado os territórios da Península Ibérica e da Ucrânia.

Por fim, importa registar que a consciência ecológica e o ativismo de VC não prescindem do trabalho pictórico ao nível das estruturas da representação. Quero com isto dizer que estas obras reiteram a recorrência do jogo de relações figura-fundo essencial à pintura. Concretamente, VC dá vida à matéria dos seus fundos, trabalhando com técnicas de impressão os próprios suportes de tecido ou papel. As técnicas que usa resgatam saberes ancestrais, em regra guardados por mulheres, sobre a utilização de plantas, da luz, do calor, ou sobre a utilização de agentes de coloração naturais como ferro e bugalhos, em procedimentos de impressão por contacto. Estes processos inscrevem a consciência ecológica, primeiro associada às figuras e às palavras, numa dimensão estrutural e permitem a VC trazer aos seus fundos-natureza um sopro de vida que se propaga em todas as composições.

Joana Cunha Leal
Maio 2022

Vanessa Chrystie
Nasceu em Londres, em 1972.
Cresceu entre Inglaterra, Espanha e Portugal.

Formou-se em Pintura, no Ar.Co, em Lisboa, no ano de 1998, concluindo o Curso de Artes Plásticas Avançadas em 2000. Estudou em vários departamentos do Ar.Co. Tirou o curso de Joalheria Artística na Escola de Joalheria Contacto Directo, em Lisboa, de 2007 a 2010, e em 2010 concluiu o workshop de ilustração científica, com o Dr. Pedro Salgado, na Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Começou a sua carreira como Artista Plástica em 1999, trabalhando sempre a pintura e o desenho, complementando o trabalho com fotografia e cerâmica, e com o ensino de artes em instituições particulares. Trabalhou com várias galerias nacionais - Art-to-fit, 2000-2007 (Galerista Nuno Cardoso) Lisboa, Galeria Pedro Serrenho, 2007-2008, e Art Hobbler, 2008-2012, em Lisboa e no Porto. Está representada com as suas obras em colecções públicas e privadas em Portugal, Inglaterra, Espanha, França, Alemanha, Suíça, Suécia, Dinamarca, Austrália, Singapura, Marrocos e Trinidad e Tobago. Paralelamente à sua atividade artística, tem desenvolvido atividades de formação, ateliers e oficinas de artes plásticas (Teatro Viriato, Município de Viseu, ACERT Tondela...) Atualmente trabalha com a galeria Arte Periférica em Lisboa, tendo a próxima exposição agendada para o dia 21 maio.

A natureza é a rocha mãe, a pedra de toque do meu trabalho. Emergir no mundo natural, em silêncio, poder ouvir, sentir, entender e absorver é o meu ser e o meu estar. Comecei por o desenhar, e pintar, através de flores. Há muitos anos questiono a nossa relação com a natureza, a importância da paisagem esculpindo a minha personalidade, a personalidade de cada um de nós, e vice-versa, as paisagens que vamos todos criando. Esta pesquisa, é agora confrontada com o caos, um estado crítico de rutura, da fauna, da flora, dos equilíbrios a extinguirem-se rapidamente, já aqui, à nossa beira. Este é o sinal de alarme tocado a rebate...e quem o ouve? Registo-o através do desenho a grafite, da aguarela, da tinta da china, do guache e do lápis de cor, sobre o grão do papel, do veio da madeira, da textura e do toque do tecido. Paralelamente, trabalho o barro, transformo-o em cerâmica evocando joalheria, reciclo vidro, faço fotografia, cianotipia, impressão e tingimento com taninos e cores naturais, sobre diferentes materiais, com a obsessão do respeito pela natureza.



Veado vermelho, 2022
Óleo e tinta fluorescente sobre tecido tingido e impresso com plantas - 70 x 90 cm



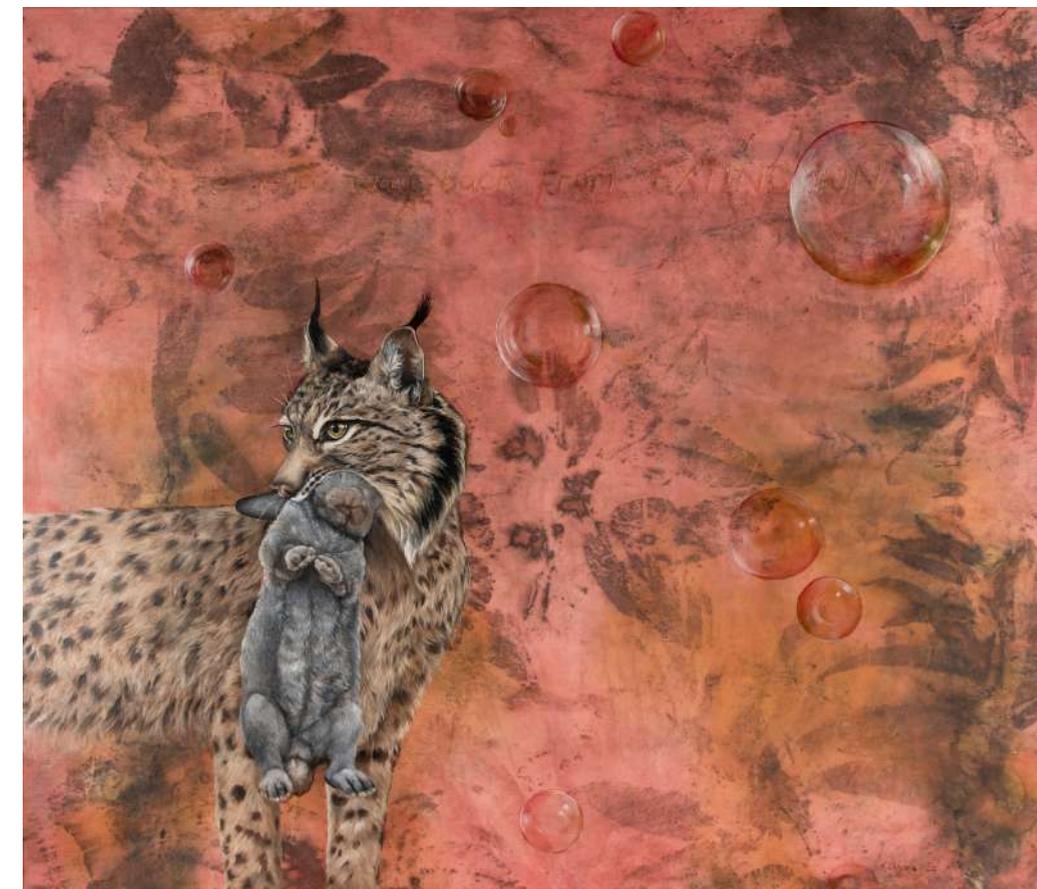
Centro Cultural de Belém, Lojas 5-6 1449-003 Lisboa
Telef: +351 213 617 100
ap@arteperiferica.pt www.arteperiferica.pt
Todos os dias das 10h às 20h

arteperiférica
GALERIA

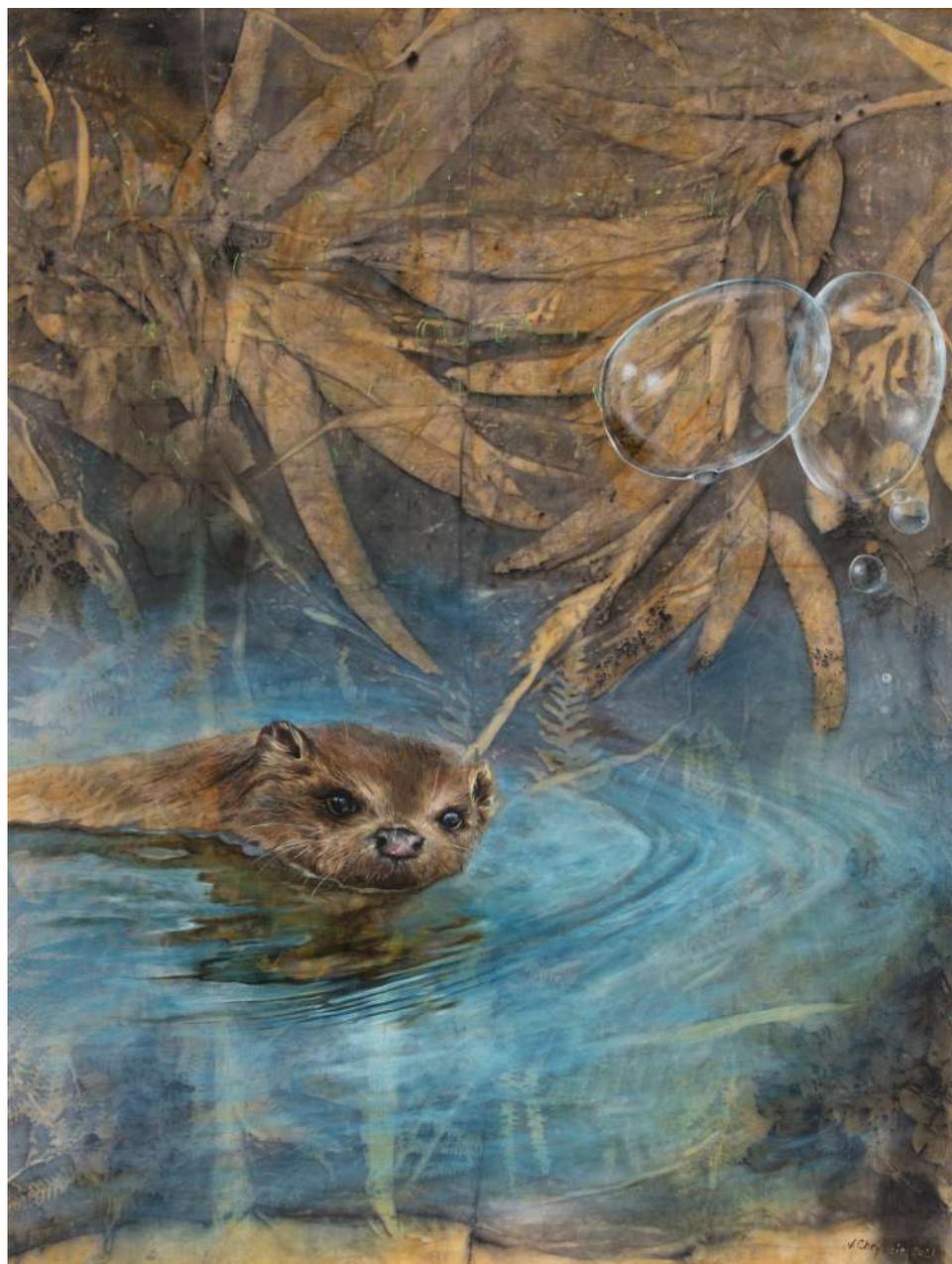
VANESSA
CHRYSTIE

Natureza Morta

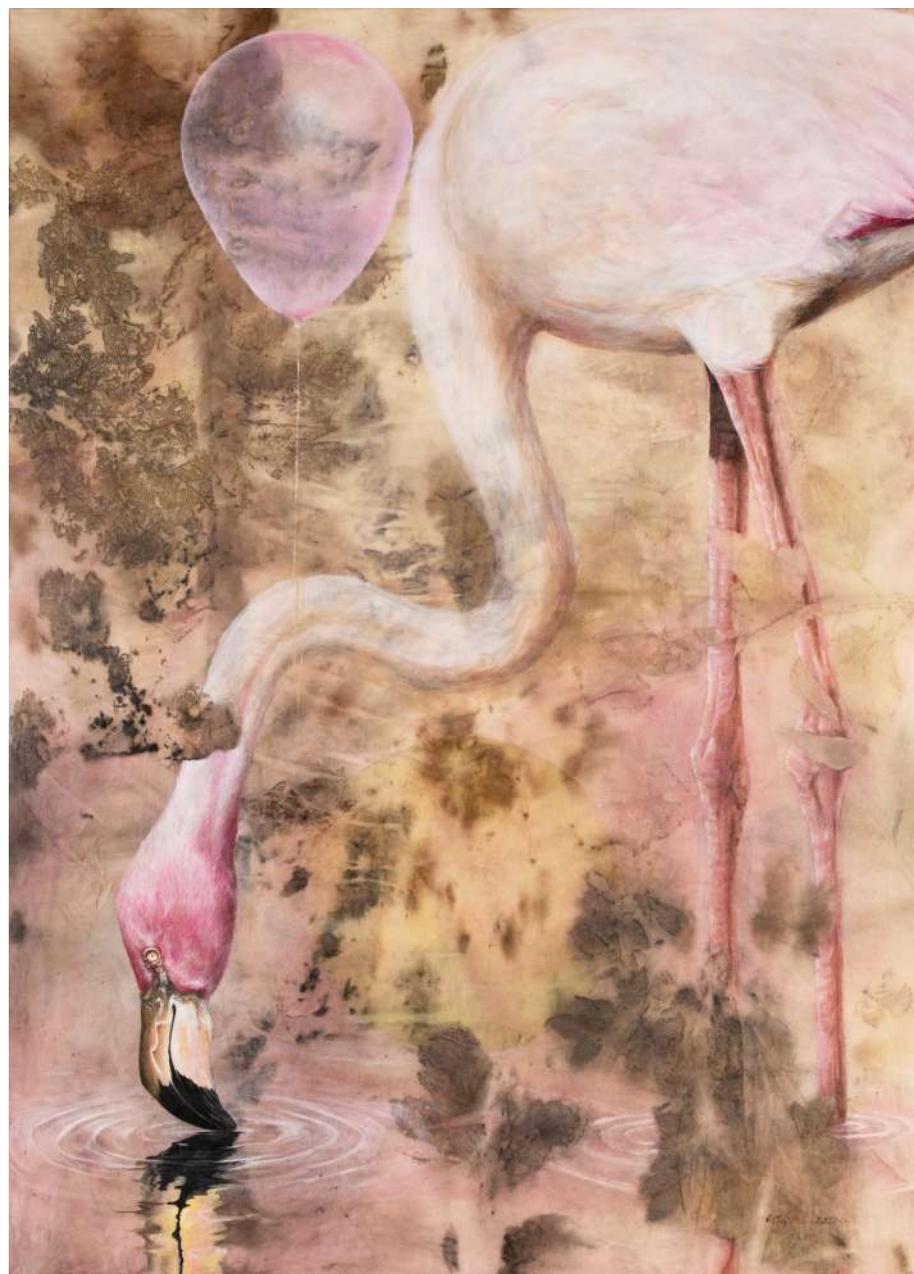
21 de maio a 23 de junho 2022



Capa: Lince Ibérico, 2022 – Óleo e tinta fluorescente sobre tecido tingido e impresso com plantas - 115 x 98cm



Lontra, 2022
Óleo e tinta fluorescente sobre tecido tingido e impresso com plantas - 75 x 100 cm



Flamingo, 2022
Óleo e tinta fluorescente sobre tecido tingido e impresso com plantas - 74 x 103 cm



Abutre, 2022
Óleo e tinta fluorescente sobre tecido tingido e impresso com plantas - 70 x 91 cm